

Sibila Marques

Discriminação da Terceira Idade

Ensaio da Fundação

Ao Sérgio, ao Guilherme e à Beatriz

Agradecimentos

A escrita deste ensaio baseou-se numa pesquisa realizada em várias áreas da sociedade portuguesa. No decorrer desta pesquisa, foram efectuados contactos com várias entidades que me concederam materiais e informação que fundamentaram as evidências referidas ao longo do texto. Neste sentido, gostaria de dedicar um agradecimento especial às seguintes entidades: Provedoria da Justiça, Instituto de Emprego e Formação Profissional, Direcção-Geral do Ensino Superior, Departamento de Acção Social da Câmara Municipal de Lisboa — Divisão de Estudos e Planeamento (Centro de Documentação), DECO, Linha Nacional de Emergência Social, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Alto Comissariado da Saúde, Centro de Documentação da Polícia Judiciária, PSP Esquadra de Arroios, Associação de Doentes de Parkinson, Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, Areal Editores, Leya Editores, Marktest, Transtejo e Rodoviária de Lisboa.

Um agradecimento muito especial também à Dra. Isabel Ferreira, responsável pela recolha e organização do material de pesquisa, e à Prof. Dra. Maria Luísa Lima, pela sua leitura atenta e pelas suas sugestões. Agradeço também à Fundação Francisco Manuel dos Santos e, em particular, ao Dr. António Araújo, pelo seu convite para escrever este ensaio e pelo entusiasmo com que me acompanhou fornecendo informações e sugestões muito relevantes.

Finalmente, gostaria ainda de agradecer aos meus familiares e amigos que leram versões preliminares deste ensaio e que deram indicações importantes no sentido de o tornar mais claro e acessível aos leitores.

Índice

Introdução	13
Parte I — A discriminação e o idadismo contra as pessoas idosas: o que é e porque acontece?	17
1. O que é o idadismo?	17
2. A importância de compreender o idadismo	20
3. A origem do idadismo	36
4. Envelhecer numa sociedade idadista	48
Parte II — A discriminação social das pessoas idosas na sociedade portuguesa	59
1. Comunidade	60
2. Trabalho	69
3. Equipamentos sociais	74
4. Saúde	81
5. Meios de comunicação	90
Conclusão: Como combater o idadismo?	93
Bibliografia de apoio	101

Introdução

Os filmes da Disney's Pixar são sempre grandes êxitos de bilheteira. Todos conhecemos ou já ouvimos as crianças falarem das histórias do *Toy Story* ou *À Procura de Nemo*. Desde que *Toy Story* foi lançado, venderam-se em todo o mundo mais de 25 milhões de bonecos *Buzz Lightyear* e a réplica de um dos últimos heróis da Pixar, o *Wall-E*, foi a prenda número um em alguns países, no Natal de 2008. Normalmente estes filmes são bastante consensuais e têm potencial à partida para gerar um lucro considerável. No entanto, um dos últimos filmes da Disney's Pixar esteve no centro de uma polémica bastante acesa, com os investidores a questionarem seriamente o êxito do filme e dos produtos de *marketing* a ele associados. Com lançamento previsto para 2009, o filme *Up* apresentava, pela primeira vez, um idoso de 78 anos como herói principal. *Up* conta a história do viúvo Carl Frederiksen, que parte numa aventura empolgante com um menino de oito anos para a América do Sul. Alvo de comentários muito positivos por parte da crítica, o filme foi premiado no Festival de Cannes desse ano, o que prova o seu valor. No entanto, esta opinião não foi partilhada pelos analistas financeiros, o que provocou mesmo uma corrida à venda das acções da Disney nesse período. Os grandes fabricantes de brinquedos assumiram claramente que não estavam dispostos a produzir os bonecos associados ao

filme porque simplesmente não acreditavam que as crianças estivessem interessadas em brincar com um idoso de 78 anos como herói.

Quando finalmente o filme foi lançado, todos estes receios se revelaram infundados. *Up* estreou-se em primeiro lugar na bilheteira dos EUA, gerando um lucro de 68,2 milhões de dólares. O mesmo tipo de reacções positivas ocorreu noutros países como, por exemplo, na Rússia. Curiosamente, 5% dos espectadores tinham mais de 50 anos, uma percentagem superior à normalmente associada a este tipo de filmes.

Up, da Pixar, ilustra muito bem o contexto em que vivemos actualmente. O preconceito contra as pessoas idosas prevalece de forma bastante flagrante nas nossas sociedades e surge diariamente, até quando pensamos nos heróis das histórias dos filmes de animação. A persistência da Disney's Pixar em abordar este assunto é de louvar e, pela sua influência, pode representar um contributo importante para chamar a atenção para este problema social e para o combate contra este tipo de exclusão que nos afecta ou afectará a todos um dia. Além de representar um atentado contra direitos humanos fundamentais, este preconceito contra as pessoas idosas comporta ainda pesados custos económicos. As nossas sociedades “grisalhas”, com um número cada vez maior de pessoas idosas e cada vez menor de pessoas jovens, exigem que as pessoas trabalhem até mais tarde e que permaneçam saudáveis e activas por mais tempo. Estas exigências não são compatíveis com visões mais restritas do envelhecimento que persistem em evitar pensar nas potencialidades de pessoas como Carl Frederiksen, que aos 78 anos demonstra uma vitalidade capaz de percorrer o mundo. O êxito de bilheteira do *Up* é um bom indicador de que, embora este assunto seja ainda pouco abordado, as nossas sociedades estão permeáveis à mudança e podem ser influenciadas e tornar-se menos preconceituosas a longo prazo.

Este ensaio pretende justamente contribuir para esta mudança, focando um tópico que tem sido pouco abordado na socie-

dade portuguesa. Na primeira parte, discute-se o preconceito contra as pessoas idosas, as suas origens e características distintas, e introduz-se o conceito de “idadismo” como um conceito central no modo como se pensa esta temática. Aborda-se também a relevância de explorar este tópico no momento actual. Nesta secção não se pretende apresentar uma descrição exaustiva do panorama demográfico em que vivemos, nem de todas as consequências económicas e políticas que advêm desta mudança. O objectivo é apresentar brevemente o contexto demográfico que descreve o mundo actual, a Europa e Portugal em particular, definindo os principais desafios e as oportunidades associadas ao mercado envelhecimento da população. A compreensão deste quadro demográfico é importante porque explica, em parte, a necessidade de estudar com maior profundidade o fenómeno das atitudes negativas em relação às pessoas mais velhas.

Na segunda parte do ensaio, procura-se demonstrar, através de exemplos concretos, como o preconceito e a discriminação contra as pessoas idosas está presente na nossa sociedade em várias esferas e como estas manifestações têm ajudado a construir e a manter a ideia das pessoas idosas como um grupo de baixo estatuto social e sem grandes capacidades. Em cada uma das áreas abordadas discutem-se as principais medidas que têm sido postas em prática para lidar com as atitudes negativas em relação às pessoas mais velhas e o caminho que ainda está por percorrer. Espero que estes exemplos tornem claro um facto que não tem sido, muitas vezes, encarado de forma muito frontal: a sociedade portuguesa é “idadista” em relação às pessoas mais velhas e esta situação não é compatível com as mudanças sociais necessárias para garantir o futuro do país.

Parte I — A discriminação e o idadismo contra as pessoas idosas: o que é e porque acontece?

1. O que é o idadismo?

O termo «idadismo» (em inglês *ageism*) surgiu pela primeira vez em 1969 quando o psicólogo americano Robert Butler procurava explicar as reacções negativas de uma comunidade à construção de um empreendimento imobiliário para pessoas idosas na sua vizinhança. Estas reacções da comunidade pareciam, à primeira vista, inexplicáveis, já que de nenhum modo os futuros residentes pareciam constituir ameaças à localidade. Após uma reflexão mais aprofundada sobre os motivos deste tipo de comportamentos, Butler compreendeu que apenas um factor parecia guiar a recusa dos habitantes locais e este estava relacionado com a idade dos inquilinos. Tornou-se explícito que os envolvidos não estavam satisfeitos por terem um empreendimento imobiliário para pessoas idosas na proximidade das suas residências, talvez motivados por uma crença de que este tipo de construção poderia diminuir o valor e o prestígio da vizinhança.

Desde a introdução do termo, têm sido feitos vários esforços, com algum êxito, para a identificação de manifestações idadistas na sociedade americana. Neste momento, são bastante conhecidas as diferentes formas que este tipo de atitudes pode

assumir e as suas especificidades. Do mesmo modo, outros países — como, por exemplo, o Reino Unido e a Suécia — têm também iniciado um trabalho bastante exaustivo no sentido de identificar e eliminar este tipo de manifestações contra as pessoas mais velhas. Estes trabalhos têm ajudado na consolidação da noção de idadismo e das suas implicações.

Em termos gerais, o idadismo refere-se às atitudes e práticas negativas generalizadas em relação aos indivíduos baseadas somente numa característica — a sua idade. A tradução do termo *ageism* para *idadismo* tem sentido porque podemos pensar em manifestações idadistas contra diferentes grupos etários (e não só contra as pessoas idosas como poderíamos ser levados a pensar). Por exemplo, existem elementos que apontam para que, em certos países como o Reino Unido, o idadismo é direcionado sobretudo contra as pessoas mais jovens. Em Portugal, por seu lado, o idadismo parece atingir sobretudo as pessoas mais velhas. Apesar de ser interessante compreender as expressões idadistas contra os diferentes grupos etários, neste ensaio iremos cingir-nos à discussão do idadismo em relação às pessoas idosas. A este tipo especial de idadismo alguns autores têm chamado, por vezes, *gerontismo*.

As atitudes idadistas em relação às pessoas mais velhas assumem três componentes essenciais. Em primeiro lugar, o idadismo está associado às crenças ou aos *estereótipos* que temos relativamente ao grupo das pessoas idosas. Refere-se à tendência para percebermos todas as pessoas de uma determinada idade como um grupo homogéneo, que se caracteriza muito frequentemente por determinados traços negativos como, por exemplo, a incapacidade e a doença.

Em segundo lugar, as atitudes idadistas estão relacionadas com o *preconceito* ou os sentimentos que temos em relação a este grupo etário. O idadismo pode manifestar-se através de sentimentos de desdém em relação ao envelhecimento e às pessoas mais velhas, embora, muitas vezes, assumam formas mais disfarçadas como a piedade ou o paternalismo.

Finalmente, podemos pensar que o idadismo inclui também uma componente mais comportamental e que está relacionada com os actos efectivos de *discriminação* em relação às pessoas idosas. São muitos os exemplos de discriminação na nossa sociedade, mas talvez o mais exemplificativo seja o abuso e os maus tratos que têm como alvo os indivíduos deste grupo etário.

É importante compreender que o idadismo não pode ser definido apenas de modo individual, mas sobretudo ao nível institucional e cultural. O idadismo não é apenas uma atitude negativa, individualizada em relação às pessoas idosas, mas espelha os nossos valores culturais mais profundos e as práticas institucionais da nossa sociedade. Como teremos ocasião de analisar em pormenor mais adiante, existem dados que demonstram que vivemos numa sociedade predominantemente idadista em relação às pessoas mais velhas e que esta ideia tem sido perpetuada pelas instituições que nos rodeiam e às quais pertencemos.

O idadismo é um problema grave na sociedade portuguesa. Os resultados do Eurobarómetro Especial de 2009 relativo à *Discrimination in UE in 2009* mostram que 53 % dos portugueses consideram a discriminação pela idade muito frequente na nossa sociedade e 57 % das pessoas concordam que é mais frequente do que há cinco anos. Estes resultados estão de acordo com os verificados no módulo “Idadismo” do *European Social Survey* também em 2009. Este estudo mostra um resultado surpreendente: a discriminação em relação à idade é a principal forma de discriminação sentida pelos portugueses (17 %), atingindo valores superiores à discriminação em razão do sexo (13 %) ou à etnia (11 %). Para mais, em Portugal esta forma de discriminação parece atingir sobretudo as pessoas mais velhas: 20,8 % dos indivíduos entre os 65-79 anos e 31,6 % dos indivíduos com mais de 80 anos já se sentiram discriminados por causa da idade. O *European Social Survey* mostra que estes comportamentos negativos assumem formas mais flagrantes (15,9 % dos indivíduos entre os 65-79 anos e 26,8 % dos indivíduos com mais do que 80 anos afirmam já ter sido maltratados devido à sua idade, insultados, vítimas

de abuso e recusados em determinados serviços) e mais subtis (19,9 % dos indivíduos entre os 65-79 anos e 30,6 % dos indivíduos com mais do que 80 anos já foram tratados com pouco respeito, ignorados ou alvo de paternalismo).

Existem muitos sinais de discriminação em relação às pessoas idosas na nossa sociedade. Estes sinais surgem em vários domínios e mostram como este tipo de acções pode ser abrangente. Além das formas mais flagrantes de abuso e de maus tratos, existem outros modos de idadismo mais subtis, sobre as quais não pensamos normalmente. Muitas vezes, comportamentos de ajuda excessiva e de sobreprotecção das pessoas mais velhas, embora bem-intencionados, podem ser idadistas e prejudiciais porque tendem a promover a incapacidade e a dependência. Por outro lado, as dificuldades no acesso a determinados serviços são também formas de tratamento negativo com consequências muitas vezes graves, por exemplo, para a saúde das pessoas idosas. Compreender as diferentes manifestações que o idadismo pode assumir na nossa sociedade é essencial para que possamos delinear políticas adequadas que permitam combater a disseminação deste tipo de atitudes. Todavia, antes de descrever estas práticas, julgo que é importante que compreendamos porque é importante explorar este tópico e quais são os factores que explicam as suas características e especificidades no momento actual em que vivemos. Espero que esta breve introdução torne mais perceptível o propósito deste ensaio e permita distinguir com mais clareza as suas implicações.

2. A importância de compreender o idadismo

2.1. Respeito pelos direitos humanos fundamentais

Antes de mais, compreender o idadismo é importante porque este tipo de atitude atenta contra direitos humanos fundamentais. Muitos dos textos sobre discriminação em relação às pes-

soas idosas tendem a enfatizar em primeiro lugar a necessidade de estudar este assunto por questões demográficas e económicas. Por exemplo, a própria directiva antidiscriminação em relação à idade no emprego, proposta pela Comissão Europeia em 2000 (Directiva 2000/78/EC), é acusada de ter sido um documento criado para responder em primeiro lugar a pressões económicas, enquanto um assunto desta natureza deveria antes de mais ser abordado do ponto de vista do respeito por princípios básicos universais como a não discriminação. A ênfase numa vertente económica tem sentido porque é importante para o futuro da Europa considerar as pressões do envelhecimento demográfico que se avizinha. Contudo, é imperativo compreender que o respeito pelas pessoas, independentemente da sua idade, é um princípio básico universal como o é, por exemplo, a consideração pelas pessoas de todas as etnias.

O artigo 21.º da Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia reconhece a discriminação com base na idade como uma violação de direitos fundamentais:

“É proibida a discriminação em razão, designadamente, do sexo, raça, cor ou origem étnica ou social, características genéticas, língua, religião ou convicções, opiniões políticas ou outras, pertença a uma minoria nacional, nascimento, deficiência, idade ou orientação social.”

Do mesmo modo, a Constituição Portuguesa proíbe qualquer tipo de discriminação, incluindo aquela com base na idade (artigos 13.º e 59.º). Por sua vez, o artigo 21.º do Novo Código do Trabalho proíbe explicitamente a discriminação com base na idade no contexto do trabalho e das relações laborais.

Embora seja claro que este tipo de comportamentos constitui uma ofensa grave em termos ideológicos, nem sempre estes princípios estão presentes na vida colectiva. Por vezes, apenas quando surgem determinados constrangimentos sociais e económicos se torna visível a necessidade de discussão e aplicação